

Proposta para a candidatura

Nome da panelista/coordenadora de sessão: Ana Maria da Conceição Veloso

Contato: Centro das Mulheres do Cabo

Rua Padre Antônio Alves, número 20, Centro, Cabo de Santo Agostinho, PE

Cep: 54500.000

Fone: 3524.9173/3524.9171 (fax)

E-mail: anaveloso@mulheresdocabo.org.br, anamveloso@terra.com.br

País: Brasil

Breve biografia da panelista:

Ana Veloso é jornalista profissional desde 1994. A conclusão do seu projeto de graduação foi uma série de programas de rádio, intitulados, "palavra de mulher". A série lhe rendeu o convite para atuar na comunicação institucional da ONG Centro das Mulheres do Cabo, onde trabalha há quase 10 anos. Na ONG feminista, Ana Veloso desenvolveu projetos em comunicação e rádio, primando pela participação das mulheres e jovens na produção radiofônica como empoderamento desses atores e dessas atrizes e contribuindo para o exercício de sua cidadania. Encarando a comunicação sob o ponto de vista dos direitos humanos, Ana Veloso ajudou o Centro das Mulheres a implementar os projetos Rádio Mulher e Jovens Comunicadores, ambos voltados à ativação das capacidades comunicativas de comunidades do Cabo e Zona da Mata Sul de Pernambuco e sua inserção, na qualidade de produtores e reeditores, no rádio.

Ana Veloso assessorou ONGs como o SOS Corpo, Gênero e Cidadania, Rede de Combate ao Abuso e Exploração Sexual, Centro Dom Helder Câmara (CENDHEC), Casa da Mulher do Nordeste e Fórum de Mulheres de Pernambuco. Atualmente, é bolsista do Programa Gênero, Reprodução, Ação e Liderança (GRAL), da Fundação Carlos Chagas (Projeto Mídia Advocacy), Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (Projeto de Pesquisa: O Fenômeno Rádio Mulher: Comunicação e Gênero nas Ondas do Rádio) e é Jornalista Amiga da Criança, título ofertado pela ANDI _ Agência de Notícias para os Direitos da Infância. Em suas atividades políticas

atuais, Ana Veloso integra a coordenação colegiada do Fórum de Mulheres de Pernambuco.

Descrição - resumo da sessão

Resumo da proposta que pretendo apresentar: O Fenômeno Rádio Mulher: Comunicação e Gênero nas Ondas do Rádio - projeto de pesquisa acadêmica.

Durante a sessão, pretendo apresentar os resultados iniciais do projeto de pesquisa em mestrado, pela Universidade Federal de Pernambuco: o programa radiofônico Rádio Mulher, que se enquadraria no campo de "Melhores Práticas". Tal exposição poderá ser rica troca de experiências, tanto no campo acadêmico (gênero e comunicação), quanto no campo político, uma vez que a minha atuação em comunicação está intimamente relacionada com a postura política e radical em defesa dos direitos das mulheres como condição para a efetivação dos direitos humanos. Também entendo que a comunicação é uma poderosa ferramenta para o pleno exercício de empoderamento da sociedade civil e, sobretudo, para a emancipação das mulheres, encaradas como sujeitos políticos.

Apresentando o Rádio Mulher e a região onde ele é veiculado

Região marcada por uma história de ocupação de terra e monocultura da cana-de-açúcar, a Zona da Mata sobrevive, há anos, em situação difícil. Suas cidades não têm condições econômicas para comportar o crescimento populacional e são bolsões de pobreza. A população miserável vive com rendas baixíssimas¹, sem acesso aos serviços básicos de saúde, enfrentando problemas de nutrição e altos índices de doenças e mortalidade infantil².

O declínio da cultura da cana de açúcar provocou uma crise prolongada na região, sem que tenha sido formatada, até então, uma alternativa econômica mais consistente para o que a sociedade civil organizada local chama de "reconstrução da Zona da Mata".

¹ Os dados preliminares do Censo Demográfico de 2000 demonstram que, no mesmo ano, os valores dos rendimentos nominais mediano e médio mensais das pessoas com renda, responsáveis pelos domicílios particulares permanentes, na Zona da Mata, eram de R\$ 151 a R\$ 310 reais, respectivamente inferiores aos estaduais, que ascendiam a R\$ 200 e R\$ 517 reais. Isso demonstra que a população local está com o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) muito baixo.

² Esses déficits sociais são responsáveis pela ocorrência de uma taxa de mortalidade das mais elevadas do Estado – 85 por mil nascidos-vivos, por exemplo, a Mata Setentrional, contra a média estadual de 62 por mil.

Nesse contexto, a Zona da Mata Sul, no final dos anos 80 e início dos anos 90, vivia um período de forte crise econômica, com a sociedade civil se organizando através de sindicatos ligados à Central Única dos Trabalhadores (CUT), Fetape (Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Pernambuco) e associações de bairro.

Essa mobilização, anterior à implantação de programas como PROMATA³ e PRONAF⁴, também denunciava um quadro social de exclusão, desemprego e violência. Sem alternativas de sobrevivência, nem políticas públicas compensatórias, como o PETI⁵, a população local abandonava os engenhos e partia, principalmente, para cidades como o Cabo de Santo Agostinho, Palmares (cidade pólo da região) e Recife.

Inseridas nesse cenário, as mulheres representavam 20% da mão-de-obra empregada no corte da cana, onde estão ocupadas cerca de 150 mil pessoas⁶. O fenômeno da feminilização da pobreza⁷ era notório, uma vez que as mulheres, geralmente chefes de família, viviam, juntamente com seus filhos (muitas delas sem maridos, que saíram em busca de melhores condições de vida em outras cidades), à margem da sociedade. Prostituição, violência sexista e a ausência da discussão de gênero agravavam a situação feminina num universo tradicionalmente machista. É notória, ainda, a inexistência de estudos sobre as manifestações culturais da população e do seu processo comunicativo, o que poderia nos dar pistas mais detalhadas sobre a organização social local.

A partir daí, o Centro das Mulheres do Cabo, ONG feminista fundada em 1984, no Cabo de Santo Agostinho, e o UNICEF, decidiram apresentar um projeto de intervenção na região. Surgiu o “Menina, Mulher e Cidadania” na Zona da Mata Sul de Pernambuco. A idéia era conhecer de perto a realidade das mulheres locais, detectar novas organizações femininas e incentivar seu surgimento, mapeando as principais líderes e investindo na sua qualificação para os embates de gênero e ampliação da atuação das mulheres em espaços da sociedade civil.

O projeto, além de apoiar as novas organizações de mulheres, detectou a fraca participação feminina nas direções de sindicatos, grupos comunitários e de igrejas. Acreditava-se que o fortalecimento da luta das mulheres reateria na sua maior participação política e engajamento na luta por políticas públicas reestruturadoras para a Zona da Mata Sul. Mais do que isso: o olhar feminino e as relações de gênero precisavam estar expressas em qualquer política alternativa para a crise da região.

³ Programa de Apoio ao Desenvolvimento da Zona da Mata, que tem prazo de execução de 5 anos e, nesse período, se propôs a investir US\$ 150 milhões na região.

⁴ Programa Nacional de Agricultura Familiar.

⁵ Programa de Erradicação do Trabalho Infantil.

⁶ Dados da FETAPE.

⁷ Fenômeno onde as mulheres, geralmente sem maridos, aparecem como as mais pobres e miseráveis, à margem do sistema produtivo ou, quando trabalham e produzem, mas recebem ainda salários inferiores aos dos homens.

Em 1995, enquanto o movimento feminista inseria questões relativas à participação social das mulheres e a disseminação do seu discurso através dos veículos de comunicação, na IV Conferência Internacional da ONU para a Mulher, em Beijing, na China, surgiram novas associações e centros de mulheres em Catende, Palmares, Joaquim Nabuco e Água Preta, todos esses municípios situados no estado de Pernambuco. É importante salientar que os municípios são os principais pólos de mobilização da sociedade civil local (onde a sociedade está organizada através de instâncias de controle social, como Conselhos de Saúde e de Direitos das Crianças e Adolescentes e Tutelares).

As líderes dos grupos eram mulheres dos engenhos (trabalhadoras rurais) e da zona urbana das cidades. A maior parte delas era ativista de entidades de bairro e pastorais da igreja católica.

Com o passar dos primeiros dois anos do projeto, a organização das mulheres ganhava fôlego, chegando a incomodar e provocar reações machistas dentro do movimento social organizado. No entanto, sua participação ficava em segundo plano, pela ausência de estratégias de visibilidade para o movimento. Muitas das líderes começavam a sentir a resistência dos seus maridos e companheiros dentro de suas próprias casas. Elas estavam se organizando, mas ainda não tinham direito à voz, principalmente nos veículos de comunicação.

Autores como Thompson, Spink e Giddens [in Medrado & Lyra, 1999] entendem que, atualmente, a mídia tem um papel fundamental na análise das relações sociais dinâmicas do mundo moderno. Para eles, esta aponta para um novo olhar do que se considera “o público e o privado”, vendo a ética como uma nova instância de regulação social.

Para as mulheres, que enfrentam diversos dilemas oriundos da dinâmica relação entre o privado e o público, expressar suas idéias, publicizar suas opiniões, exercendo sua liderança em espaços públicos, ainda é um grande desafio.

Foi então que os grupos organizados e o Centro das Mulheres do Cabo, preocupados em dar voz e vez às questões de gênero, elaboraram um projeto de comunicação para dar visibilidade à fala pública e à organização das mulheres na região. O foco do projeto foi o rádio⁸.

O projeto foi aprovado pela Fundação MacArthur⁹ e, em 1997, estreou o Rádio Mulher: um programa radiofônico do Centro das Mulheres do Cabo, produzido em parceria com os grupos de mulheres da região. Veiculado através da Rádio Cultura dos Palmares (AM), aos sábados, o programa tinha, inicialmente, a preocupação de divulgar informações qualificadas sobre temas como saúde, direitos reprodutivos e cidadania feminina.

⁸ Veículo de comunicação mais imediato, ideal para uma região onde, de acordo com o dados do IBGE, em 1995, mais de 60% das mulheres eram analfabetas. Além disso, historicamente, essas mulheres ocupam o espaço doméstico, o que favorece à audiência do rádio, uma vez que passam boa parte do seu dia em casa.

⁹ Agência de cooperação internacional com sede em Chicago, nos EUA.

O diferencial do programa, que permanece até hoje, é a resistência ao sexismo presente nas redações dos veículos de comunicação, explicitado, ainda, pela discreta participação de mulheres na direção de programas e cargos de decisão destes veículos,¹⁰ o que é expressivamente combatido pela feminista Quevedo (1996), no capítulo *La Mujer y Los Medios de Difusión*, contido na Plataforma de Ação da IV Conferência Internacional da Mulher (1995).

Produção, parte técnica, apresentação, locução, direção... Tudo no Rádio Mulher é realizado por mulheres. Dentre elas, estão jornalistas contratadas pelo Centro das Mulheres do Cabo e líderes dos grupos emergentes de mulheres da Zona da Mata Sul. Por conta dessa característica, o programa passou a integrar, em 1999, a Rede Brasileira de Mulheres no Rádio¹¹.

Também, a partir de 1999, o Rádio Mulher passou a ser exibido ao vivo. De acordo com os relatórios técnicos do projeto nessa fase, os programas, com a locução sendo realizada pelas líderes locais, concederam maior poder para as mulheres e cumpriram a meta de valorizar e fortalecer a fala pública feminina.

A participação das mulheres no rádio cada vez mais se intensificava e o salto maior seria dado em março de 2001, quando o Rádio Mulher estreou, ao vivo, através dos 100.9 da rádio Quilombo FM (emissora comercial). Com uma hora de duração e três vezes por semana (às segundas, terças e quintas, das 11 às 12h), o programa, no seu primeiro ano de exibição no novo formato, já pode ser considerado um “sucesso de audiência¹²”. Hoje, o Rádio Mulher vai ao ar de segunda à sexta, sempre das 11 ao ½ Dia.

Mas, por que o Rádio Mulher tem grande audiência? O que leva as pessoas a ouvirem um programa totalmente produzido por mulheres e dirigido à população feminina? Tais questões se tornam fundamentais para a socialização deste programa de rádio em uma conferência.

O estudo acadêmico do programa (dados preliminares), demonstra que investigar/pesquisar qualitativamente a recepção de um fenômeno presente numa região onde as desigualdades de gênero, a ausência de estudos sobre o comportamento comunicacional da população e de uma política de comunicação voltada à prestação de serviços só tendem a aumentar a carência de informações sobre temas relacionados ao exercício da fala pública como condição para a plenitude da cidadania feminina.

O detalhamento do objeto (o Rádio Mulher) para a apresentação

¹⁰ Nos últimos anos, as redações tenham se aberto mais para as mulheres. Em Pernambuco, por exemplo, alguns cargos de direção estão em mãos femininas, mas, ao mesmo tempo, isso não significa que elas tenham incorporado “o olhar que transforma”, nem levem em consideração a equidade de gênero em suas práticas.

¹¹ Fórum que engloba feministas e mulheres que atuam em rádios comerciais e comunitárias em mais de 10 Estados brasileiros.

¹² De acordo com uma pesquisa de opinião pública, encomendada pelo Centro das Mulheres do Cabo, realizada pela empresa Promarketing, Consultoria e Propaganda Ltda, entre os meses de março e maio de 2002, foram ouvidas cerca de 600 pessoas, moradoras na zona rural e urbana dos municípios de Água Preta, Palmares, Catende e Joaquim Nabuco (PE).

“O rádio fala basicamente seu idioma – a oralidade não é mera ressaca do analfabetismo, nem o sentimento é subproduto da vida para os pobres – e pode assim servir de ponte entre a racionalidade expressivo-simbólica e informativo – instrumental, pode ser e é algo além de mero espaço de sublimação: aquele meio que, para as classes populares, está preenchendo o vazio deixado pelos aparelhos tradicionais na construção de sentido” (Martín-Barbero, 1997, p. 15). Esta afirmação leva-nos à reflexão sobre o importante papel que o Rádio Mulher ocupa na mobilização da sociedade da Mata Sul pernambucana (região marcada pelo declínio da cultura açucareira) e, em particular, no uso das informações, na conferência de sentido pelas suas ouvintes e o significado disso para as relações sociais locais.

Mas, para caracterizar a minha exposição, preciso detalhar como funciona o Rádio Mulher e sua audiência. Torna-se oportuno considerar, como importante ponto de partida, a pesquisa quantitativa realizada pela Promarketing, empresa contratada pelo Centro das Mulheres do Cabo para a realização de uma pesquisa de Audiência sobre o programa, em 2002. Naquele levantamento, o rádio aparece como o veículo de comunicação preferido por 65,48% dos 600 entrevistados, com a Rádio Quilombo FM¹³ sendo a mais ouvida por 49,92% da população, seguida pela Cultura AM, com 31,3% da preferência.

O Rádio Mulher aparece, na pergunta aberta, como o terceiro programa mais ouvido; 55,33% dos entrevistados dos quatro municípios atingidos pela pesquisa afirmaram já ter ouvido o programa; 20,14% deles já tinham ouvido falar dele e 24,53% não conheciam.

O percentual das mulheres que conhecem o Rádio Mulher é alto: 64,43% são ouvintes; 16,44% já ouviram falar no programa e 19,13% desconhecem o programa. Já quanto à qualidade, 36,09% dos entrevistados disseram que o programa é ótimo; 57,49% avaliaram o programa como bom e 5,5% acham o Rádio Mulher regular.

Outro resultado do levantamento é o impacto das mensagens veiculadas através do Rádio Mulher entre o público feminino entrevistado: 64,58% das ouvidas disseram que “alguma vez uma informação ou uma notícia do programa foi importante para sua vida”. Entre os homens, o resultado também é animador: 38,52% deles responderam que uma informação noticiada no programa havia sido importante para a vida deles.

Esse projeto é inédito em termos de pesquisa acadêmica e modelo de sucesso em gênero e comunicação em Pernambuco. Pode e deve ser socializado com outros sujeitos políticos no campo da comunicação, uma vez que a aceitação do Rádio Mulher entre a população feminina da Zona da Mata Sul vem comprovando que, tanto o veículo rádio, quanto a divulgação de conteúdos sobre os direitos e a cidadania feminina estão na pauta do dia da população local.

Pretendo, ainda, na exposição, lançar mão de elementos como: como as informações veiculadas são mediadas pelas ouvintes; qual o impacto do que é veiculado na suas vidas; qual o impacto das informações veiculadas junto aos grupos de mulheres locais, uma vez que, de acordo com a direção da Rádio

¹³ Emissora que transmite o Rádio Mulher desde março de 2001.

Quilombo FM, cerca de 200 mil pessoas escutam o programa, em 50 municípios, todos os dias.

Este projeto encara as mulheres como sujeitos políticos de relevância para sociedade civil da Região poderá ser de fundamental importância para que outros trabalhos no campo de gênero possam ser fomentados e estimulados, tanto no Brasil, quanto no exterior. Por isso que a proposta tem condições de ser aprovada para ser apresentada na OURMedia/NuestrosMedios/NuestrosMeios IV.